
EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: UM ESTUDO EM UM CONTEXTO INDÍGENA

Jailda Evangelista do Nascimento Carvalho¹
Jânio Ribeiro dos Santos²
Edinéia Tavares Lopes³

RESUMO

Este trabalho reporta-se a uma pesquisa em andamento no Curso de Especialização em Metodologia de Ensino para Educação Básica da Universidade Federal de Sergipe, cujo objetivo é analisar a relação que os alunos do quinto e sexto anos do Ensino Fundamental da Escola Estadual Indígena José Zacarias no município de Banzaê – BA mantêm com os saberes escolares. Os dados foram coletados através de questionário elaborado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa Educação e Contemporaneidade (EDUCON). Os informantes foram 37 alunos e alunas da referida escola. Inferimos através das informações obtidas até o momento uma forte identificação étnica e constatamos que a escola, para esses alunos, é um ambiente onde podem aprender a ler, escrever e muitas outras coisas importantes para seu futuro intelectual e pessoal.

INTRODUÇÃO

As primeiras atividades escolares “para” os povos indígenas ocorreram há aproximadamente cinco séculos e, embora no último século, estes povos tenham conseguido significativas conquistas, diversos estudos apontam as dificuldades enfrentadas por esses povos em nosso país, na busca pelo cumprimento de seus direitos educacionais assegurados nos textos de ordenamento legal e normativo. Direitos como a educação escolar indígena de qualidade, específica, diferenciada, intercultural e bilíngüe, contemplados na Constituição de 1988, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e no Plano Nacional de Educação⁴.

Ainda que se tenham dados que representam o avanço dessa modalidade de ensino, como os da oferta da Educação Escolares Indígenas apontados pelo Censo Escolar INEP/ MEC 2006, que mostram 172. 591 eram os estudantes em cursos que vão da Educação Infantil ao Ensino médio, constituindo um crescimento de 47,3% nos últimos quatro anos, muitos são os desafios a serem enfrentados por essa modalidade de ensino. Podemos citar alguns como: formação inicial de professores

¹ Aluna do curso de Especialização em Metodologia de Ensino para Educação Básica – UFS, professora da rede municipal de ensino no município de Coronel João Sá-BA.

² Aluno do curso de Especialização em Metodologia de Ensino para Educação Básica, especialista em Coordenação Pedagógica, atualmente é Coordenador do Programa Escola Ativa, no município de Coronel João Sá - BA.

³ Profa. Núcleo de Química, membro GEPIADDE/EDUCON/NEAB-UFS.

⁴ Tais afirmações podem ser evidenciadas na página eletrônica da Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad /MEC) <http://portal.mec.gov.br/secad>. Acessado em 04 de jul. de 2008.

indígenas no Magistério Específico e Licenciaturas Interculturais; ampliação da oferta da segunda fase do Ensino Fundamental e do Ensino Médio nas escolas indígenas; produção de materiais didáticos específicos centrados nas realidades sociolingüísticas, na oralidade e nos conhecimentos dos povos indígenas; adequação consistente dos diversos programas estaduais de desenvolvimento da educação; debilidade na infraestrutura na maioria das escolas, entre outros (HENRIQUES et al, 2007). Dessa forma percebemos a complexidade que circunda a oferta da Educação Escolar Indígena.

Nesse contexto a Educação Escolar Indígena da etnia Kiriri na Escola Estadual Indígena José Zacarias, na aldeia Mirandela, localizada no município de Banzaê, nordeste da Bahia, também enfrenta desafios em sua implementação.

Com essa preocupação propomos pesquisar para a monografia do Curso de Especialização em Metodologias do Ensino para a Educação Básica a temática da relação com o saber que os alunos dos quinto e sexto anos mantêm com a escola e os saberes escolares. Para esse trabalho focalizamos nosso olhar em dois aspectos: o primeiro que diz respeito à identificação étnico-racial e o segundo a relação com a escola. Dessa forma o presente trabalho tem como objetivo refletir a identificação étnico-racial e a relação desses alunos com a escola.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do presente estudo adotamos a pesquisa qualitativa. Oliveira (2007, p. 37) considera que a abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa dentre os seus diversos significados, pode ser conceituada como [...] “um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”.

Bodgan e Biklen (1982) apontam que a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada a partir de cinco características básicas:

1. A pesquisa qualitativa possui o ambiente natural como fonte de dados e pesquisador como instrumento principal. O estudo dos problemas é realizado no ambiente em que eles naturalmente se manifestam, sem a manipulação intencional do pesquisador, sendo o estudo também chamado de “naturalístico” por esses autores, que afirmam que todo estudo qualitativo é também naturalístico.

2. Os dados coletados apresentam predominância descritiva. O material adquirido com a pesquisa é rico em descrição de pessoas, situações, acontecimentos; incluindo transcrições de entrevistas, de depoimento, fotografias, desenhos e extratos de diversos documentos. O uso de citações são freqüentes subsidiando afirmações

ou esclarecendo pontos de vistas. Os dados da realidade são extremamente relevantes.

3. A preocupação é maior com o processo do que com o produto. O pesquisador ao analisar o problema interessa-se em verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas.

4. O significado atribuído pelas pessoas às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Os estudos qualitativos demonstram o dinamismo interno das situações, inacessíveis ao observador externo.

Os dados são analisados seguindo um processo indutivo. Aos pesquisadores isenta-se a incumbência de confirmar as hipóteses definidas antes do início do estudo, podendo apóia-se num referencial teórico que guie a coleta e análise de dados.

Como técnica de coleta de dados utilizamos o questionário e observação realizada durante a aplicação do questionário. Chizzotti (1991, p. 55) define o questionário como

um conjunto de questões pré-elaboradas, sistemática e sequencialmente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar dos informantes respostas por escrito ou verbalmente sobre o assunto que os informantes saibam opinar ou informar.

Como participante do EDUCON optamos por utilizar o questionário produzido pelos integrantes deste grupo que tem como foco central as relações que os estudantes sergipanos, nos diversos níveis e modalidades do ensino da Educação Básica mantêm com as várias disciplinas de ensino.

Os informantes da pesquisa foram dezoito alunos e dezenove alunas da Escola Estadual Indígena José Zacarias do município de Banzaê na Bahia. Os questionários foram aplicados nos dias 25 de agosto e 03 de setembro de 2008. Para aplicação contamos com a autorização dos órgãos responsáveis (FUNAI regional de Paulo Afonso-BA) e o apoio da direção, coordenação pedagógica da escola e dos professores, que permitiram o acesso aos alunos ainda em sala de aula. Antes da aplicação do questionário apresentamos o tema, o objetivo da pesquisa e a importância da resposta de cada um. Percebemos que os alunos se mostravam ansiosos para começar a responder. Em sua maioria foram desinibidos, atentos, e brincalhões. Alguns tiveram dificuldade em compreender algumas das questões propostas, as dificuldades foram sanadas pelo pesquisador. Não percebemos dificuldades significativas na leitura e entendimento do questionário, apenas na compreensão do termo etnia.

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO BRASIL

A denominação Educação Escolar Indígena foi proposta por Meliá em 1970 e ampliada por Lopes em 1980. Os autores objetivaram diferenciar Educação Escolar Indígena de Educação Indígena para que houvesse um melhor entendimento das posturas implícitas nessas modalidades. Segundo os autores Educação Indígena é a aprendizagem espontânea em que a criança ou jovem observam as outras pessoas a praticarem as atividades corriqueiras nas aldeias e com isso vão aprendendo sem maiores explicações as suas tradições de reprodução social. Dessa forma que lhe é transmitida a Educação Indígena, onde todos são alunos e ao mesmo tempo professores, porque todos aprendem juntos. Por meio dessas atividades que crianças e jovens são preparados para se tornarem sujeitos plenos e produtivos de seu grupo étnico. Para os mesmos autores a Educação Escolar Indígena é a educação transmitida formalmente através da escola. (COLLET, 2006, p. 117)

A escola para os povos indígenas só começou a existir a partir de 1949, quando chegou ao território brasileiro a primeira missão jesuítica que foi enviada de Portugal por D. João III, era composta por missionários da Companhia de Jesus e chefiada pelo Padre Manoel da Nóbrega a qual tinha como um dos seus objetivos converter os nativos a fé cristã. (HENRIQUES et al.,2007, p. 10)

A escola entrou na comunidade indígena como um corpo estranho, que ninguém conhecia. Quem a estava colocando sabia o que queria, mas os índios não sabiam, hoje os índios ainda não sabem para que serve a escola. É esse o problema. A escola entra na comunidade e se apossa dela, tornando-se dona da comunidade, e não a comunidade dona da escola.

Ao implantar a escola na comunidade indígena os jesuítas tinham o intuito de se aproximar dos índios para que pudessem conquistar a sua confiança, aprender suas línguas para poder manipulá-los de forma que eles não tinham direito de rejeição, no caso de rejeição seriam punidos e reprimidos por causa da sua rebeldia. No entanto, eles tinha que fazer somente que fosse de interesse dos jesuítas.

Os índios não tinham noção de o que seria uma escola e muito menos para que servia, todavia essa escola tinha a função de transformar a comunidade e levava os índios a seguir regras e padrões impostos por ela, mudando toda a sua cultura principalmente a sua linguagem. Os índios tiveram que abdicar da sua linguagem e adequar-se ao português que era a língua falada por todos da companhia jesuítica.

A comunidade indígena não tinha o direito de reivindicar nada apenas aceitar o lhes era imposto pelos jesuítas o que fazia com que os índios se revoltassem contra eles.

O cerne da educação brasileira tem passado por várias tentativas de mudança e uma delas vem ocorrendo no campo da Educação Indígena que há muito tempo necessita de uma atenção especial para que possa desenvolver-se e transforma-se no campo das suas especificidades, essa educação necessita de procedimentos teóricos-metodológicos que possam contribuir para a transformação da comunidade escolar a qual está inserida.

Segundo Cavalcante (2008) “ [...] os programas de escolarização indígenas foram fundados segundo a idéia de que é necessário ‘fazer a educação de índio’. Visto que, uma comunidade informada onde todos possam caminhar em busca do seu progresso só tem a crescer”. Podendo assim desenvolver maiores percepções, compreensão e comunicação sobre os fatos relacionados a sua comunidade, buscando desenvolver dentro da própria comunidade uma educação específica, diferenciada, multilíngüe e intercultural e que possa atender as aspirações dos povos indígenas.

A educação escolar indígena deve ser comunitária e intercultural, comunitária porque deve atender aos anseios de uma comunidade que luta pelo mesmo objetivo, intercultural porque vivem diferentes culturas e etnias num mesmo território, portanto percebe-se a necessidade de uma interação dessas culturas para poder se relacionar com mais respeito e compreensão umas com as outras se relacionando de igual para igual.

A ALDEIA, A ESCOLA E A IDENTIFICAÇÃO ÉTNICA: REFLEXÃO INICIAL

A Aldeia é composta de casas que foram, em sua maioria, construídas pelos posseiros quando ali estiveram antes da reconquista do território pelos índios kiriris em 1996. A escola visitada tem quatro salas de aula e apresenta condições de conservação que merecem atenção dos órgãos responsáveis. Alguns setores da escola funcionam em uma casa que fica em frente à escola. A Educação Escolar ofertada vai da Educação Infantil até o Ensino Fundamental. Conforme informação dada pelo diretor da escola o trabalho desenvolvido na escola busca respeitar a cultura da comunidade, pois “buscaram durante muitos anos uma escola voltada para sua etnia e que pudessem satisfazer aos anseios dessa comunidade”. Segundo eles o desempenho do aluno é melhor quando se tem uma escola voltada para sua cultura. As aulas se tornam mais atrativas quando a escola trabalha algo que seja do interesse do aluno. Percebe-se nessa comunidade a busca por uma educação escolar diferenciada, voltada para seu contexto e que satisfaça seus anseios. Quanto aos alunos percebemos uma tranquilidade no relacionamento entre eles e seus professores e, também, em relação com a escola.

Com a aplicação do questionário constatamos que, dos trinta e sete alunos informantes da pesquisa, quatro se identificaram como etnia kiriri, dois respondeu moreno e trinta e um não respondeu a pergunta, portanto, não identificou sua etnia-raça. Percebemos que essa informação não foi dada talvez por conta do desconhecimento da palavra etnia, o que fez com que a maioria dos alunos não respondesse a esse questionamento, deixando-o sem preencher.

Ao confrontarmos as respostas dos questionários com as conversas antes, durante e após a aplicação dos questionários percebemos que a maioria deles não respondeu porque a palavra etnia parece não ser do cotidiano, muitos apresentaram dúvidas ao se reportar a esta palavra, no entanto, em seus relatos informais assumem sua identidade étnica de forma espontânea, contrastando com as informações dos questionários.

Esses dados têm permitido refletir sobre a técnica utilizada para a coleta e ao mesmo tempo a necessidade de coletar dados por diferentes técnicas, como observação, a entrevista, etc. Assim, considerando a limitação do questionário como único método de coleta de dados, podemos inferir que com as informações obtidas até o momento percebe-se que há por parte desses alunos uma forte identificação étnica.

Quanto à escola a maioria deles apontou como o ambiente onde podem aprender a ler, escrever e muitas outras coisas importantes para seu futuro intelectual e pessoal. Ao mesmo tempo se referem à importância da escola e também a valorização de sua cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nessas reflexões iniciais inferimos uma significativa identificação étnico-racial por parte desses alunos, que não foi evidenciada na técnica utilizada. Constatamos ainda que a escola, para esses alunos, é um ambiente onde podem aprender a ler, escrever e muitas outras coisas importantes para seu futuro intelectual e pessoal.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BOGDAN, Robert; **BILKLEN**, Sari. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal. Porto Editora, 2003.

CAVALCANTE, Lucíola Inês de Pessoa. Formação de Professores na perspectiva do Movimento dos Professores Indígenas da Amazônia. A disposição no site: www.scielo.br/pdf/rbedu/n22a03.pdf- dia 05/07/2008.

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. São Paulo: Cortez, 1991.

COLLET, Célia Leticia Gouvêa. Interculturalidade e Educação Escolar Indígena: Um breve histórico. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (org.). Formação de professores indígenas: repensando trajetórias. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2006.

HENRIQUES, Ricardo et al. Educação escolar indígena: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2007.

OLIVEIRA, Maria Marly de. Como fazer pesquisa qualitativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.